

## **I. AS FONTES FRANCESAS PARA O CONHECIMENTO DO TUPI ANTIGO**

### **A FRANÇA ANTÁRTICA**

Em 15 de novembro de 1555, chegava à Baía da Guanabara uma esquadra francesa, comandada pelo francês Nicolau de Villegaignon. Homem de boa cultura humanística, helenista e latinista, manteve correspondência com Calvino. Em sua expedição ao Brasil viriam, contudo, católicos e protestantes.

Ao desembarcar em 1555, Villegaignon iniciava um projeto chamado “França Antártica”, destinado a estabelecer uma colônia francesa em terras brasileiras. Seus homens permaneceram na Guanabara até 1567, quando foram definitivamente expulsos por Estácio de Sá, depois de acirrada luta em que se defrontaram milhares de índios.

Nessa época vêm para o Brasil dois importantes cronistas, Jean de Léry e André Thevet.

#### **André Thevet**

André Thevet acompanhou a expedição de Villegaignon ao Brasil, onde permaneceu por poucas semanas. Já em 31 de janeiro de 1556 partia de volta para a França. Em 1558 ele publicou a primeira obra quinhentista publicada sobre os índios tupis da costa e onde se apresentam informações sobre sua língua e sua cultura: *As Singularidades da França Antártica*. Seu livro traz termos em tupi antigo e descrições das terras percorridas, embora cometa inexactidões por conta do pouco tempo em que permaneceu em terras brasileiras. Muitos dos fatos que descreve soube-os por ouvir dizer e não por os ter visto.

Em 1575, poucos anos após a derrocada da França Antártica, é publicado na França outro livro seu, intitulado *A Cosmografia Universal*, em dois alentados tomos. O termo *cosmografia*, no século XVI, equivaleria, hoje em dia, a *geografia*. Com efeito, nessa obra Thévet escreve acerca dos lugares que percorreu no Oriente, que ele pôde conhecer *in loco* durante os anos de 1549 e 1552 numa missão diplomática.

O capítulo destinado ao Brasil é rico em informações sobre a língua tupi e sobre a cultura dos índios tupinambás da Guanabara.

#### **Jean de Léry**

Jean de Léry foi um missionário calvinista que chegou à Guanabara em 7 de março de 1557, tendo ali permanecido até 4 de janeiro de 1558. Voltando à Europa, passou a viver em Genebra, onde estava o reformador Calvino.

Em 1578, onze anos após a expulsão dos franceses da Guanabara, veio ao prelo a grande obra do calvinista francês, intitulada *História de uma Viagem feita à terra do Brasil*. Seu livro recebeu uma segunda edição aperfeiçoada por ele mesmo em 1580. Dezenas de edições far-se-iam desse livro em diferentes línguas e até em latim. Até sua quinta edição francesa, em 1611, estava vivo seu autor, só falecendo este em 1613.

Sua *História* é de grande importância para o conhecimento do tupi antigo. Dezessete anos antes da publicação da *Arte de Anchieta*, Léry fez a primeira descrição conhecida de aspectos da gramática daquela língua indígena. No capítulo XX da obra, intitulado *Colóquio da entrada ou chegada à terra do Brasil entre povos do país, chamados Tupinambás e Tupiniquins, em língua selvagem e em francês*, Léry apresenta um texto que reproduz um diálogo que ele manteve com um tupinambá na Baía da Guanabara. Apresenta-se nesse capítulo uma lista de termos em tupi antigo, como a de um verdadeiro guia de viagens. Finalmente, exibem-se aspectos da gramática tupi.

Mas não é somente o capítulo XX que traz informações importantes. Muitos outros capítulos da obra exibem em profusão termos do tupi antigo, à medida que seu autor analisa o meio físico do Brasil e seus primitivos habitantes, sendo a obra um monumento da etnografia americana.

## **A FRANÇA EQUINOCIAL**

Em 1612, os franceses invadem o Brasil pela segunda vez. Acompanhando os homens de Daniel de la Touche, comandante do empreendimento conhecido como França Equinocial, vêm os frades capuchinhos franceses Claude D'Abbeville e Yves D'Évreux. Logo após sua chegada, os franceses fundam São Luís, em homenagem ao rei Luís XIII, mas já em 1615 foram expulsos do Maranhão.

### **Claude d'Abbeville**

Voltando em 1613 à França, frei D'Abbeville publica sua obra *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e Terras Circunvizinhas*, o grande registro do malogrado empreendimento colonial francês em terras do norte do Brasil.

Sua obra relata os fatos que sucederam naqueles poucos anos de invasão do Maranhão, fazendo, outrossim, descrição da natureza da região e dos índios que habitavam aquelas partes do Brasil no início do século XVII. Apresenta, assim, centenas de nomes tupis de animais e plantas, dos artefatos dos tupinambás, de suas práticas culturais, de seus alimentos etc. Mas, sem dúvida, a mais rica contribuição da obra para o conhecimento do tupi antigo são os textos que exhibe naquela língua, comprovando que o chamado *tupi jesuítico* não existia, que a língua em que os jesuítas escreveram era a mesma que os tupinambás do Maranhão

falavam, eles que nunca haviam tido contato, até então, com jesuítas e cujo contato com franciscanos fora efêmero.

Relata-nos D'Abbeville em sua *História* que, em 1613, índios brasileiros foram levados para a França, onde se apresentaram diante de Luís XIII, Catarina de Medicis e de toda a corte francesa. O índio tupinambá Itapuku, vestido em trajes de gala, em pleno palácio do Louvre, diante de centenas de pessoas, fez um discurso, registrado pelo capuchinho. Todos os lexemas de tal texto estão registrados no *Vocabulário da Língua Brasília*, dos jesuítas portugueses, assim como seus morfemas gramaticais. Seus conteúdos semânticos são os mesmos, os períodos têm a mesma sintaxe, em suma, a língua é a mesma. É certo que Itapuku já era um índio cristianizado e, ao empregar ele o termo *Tupã*, realizou, aí, um deslocamento semântico, de influência missionária. Mas nada mais existe no texto que não seja autêntico, original, a legítima língua falada pelos índios tupis da costa, na variante dialetal dos tupinambás do Maranhão. Evidenciar isso e mostrar a língua falada pelos índios foi o maior mérito dos cronistas e viajantes franceses.

### **Yves d'Evreux**

No mesmo ano do final da França Equinocial, o frade capuchinho Yves d'Evreux publica a *Sequência da História das Coisas mais Memoráveis acontecidas no Maranhão nos anos de 1613 e 1614*, traduzida em português com o título de *Viagem ao Norte do Brasil feita nos anos de 1613 e 1614*. À semelhança da *História* de Jean de Léry, na qual certamente se baseou, traz um capítulo em que apresenta um diálogo e a língua falada pelos tupinambás do Maranhão, com listas de vocabulário, semelhantemente ao que fizera Léry em 1578. Essa obra teve má fortuna, por razões políticas, a saber, o casamento do rei francês Luís XIII com Ana d'Áustria, filha do rei da Espanha, a quem pertencia o Brasil naquela época de união dinástica, que só findaria em 1640. Assim, só se conhece um único exemplar da obra na Biblioteca Nacional da França, em Paris.

Por trazer fatos da língua oral dos tupinambás do Norte, a obra reveste-se de grande importância para a linguística americana, permitindo comparações com o tupi falado no sul. Com efeito, certas construções e certos termos apresentados por D'Evreux não encontram paridade em textos de outros autores, o que evidencia a existência de uma variante dialetal, que ele conseguiu, de alguma forma, documentar.

## **II. AS FONTES HOLANDESAS PARA O CONHECIMENTO DO TUPI ANTIGO**

Buscando estabelecer uma colônia no Brasil, os holandeses invadiram Pernambuco em 1630. Poucos anos depois, já em 1640, chegavam a dominar vasto trecho do litoral nordestino, especificamente Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Bahia, Sergipe e Maranhão.

Em 1645, porém, inicia-se a Insurreição Pernambucana, que visava a expulsá-los do Brasil. Esse movimento era comandado por André Vidal de Negreiros, Henrique Dias e Felipe Camarão, este último um índio potiguara, falante do tupi.

Com o Conde Maurício de Nassau, o governador dos territórios ocupados pela Holanda no Brasil, viriam artistas e intelectuais, entre os quais naturalistas, que pela primeira vez descreveram cientificamente a fauna e a flora do Brasil.

### **George Marcgrave**

Em 1648 veio ao prelo, em Amsterdam, a *Historia Naturalis Brasiliae*, do alemão George Marcgrave, que compunha a comitiva de Nassau. Tal obra apresenta centenas de ilustrações de espécies animais e vegetais do nordeste brasileiro, além de descrições científicas pormenorizadas delas, que foram utilizadas pelo sueco Linneu, o criador da Taxonomia, em suas classificações. Por causa de Marcgrave, muitos táxons têm origem na língua tupi: com relação às aves, a família dos anhingídeos, com relação aos mamíferos, a família dos cavídeos, dos tapirídeos, dos tayassuídeos, com relação aos peixes, a família dos caracídeos etc. Ele pode ser considerado o primeiro estudioso da história natural da América. A obra foi publicada quatro anos após o passamento de Marcgrave, ocorrido em 1644, por seu amigo João de Laet.

A *Historia* de Marcgrave traz em seu livro VIII preciosas informações sobre a natureza e os índios do Brasil, incluindo aí também um pequeno vocabulário de nomes e verbos da língua tupi e até mesmo algumas frases nessa língua.

### **Guilherme Piso**

Inserida na *Historia* de Marcgrave vinha a *De Medicina Brasiliense Libri Quatuor*, do médico Guilherme Piso. Ela compreendia quatro livros: I – Ar, águas e localidades; II - Moléstias endêmicas; III – Venenos e seus antídotos; IV – Do uso dos símplies. Consta de 132 páginas *in folio* e está ilustrada com 104 gravuras, sendo noventa e duas delas sobre plantas. A obra de Piso traz importantes informações sobre as propriedades medicinais das plantas brasileiras e sobre os ingredientes que figuram na composição dos medicamentos dela derivados. Os nomes tupis da flora brasileira são aí amplamente apresentados.

### **O *Theatrum Rerum Naturalium Brasiliae* (Panorama das Coisas Naturais do Brasil)**

Na Universidade Jaguelônica, em Cracóvia, Polônia, acham-se os originais de uma obra intitulada *Theatrum Rerum Naturalium Brasiliae*, que só seriam publicados em 1992. Consta de pinturas a óleo e desenhos,

a maioria de autoria do pintor Albert Eckhout, feitas durante o governo de Maurício de Nassau. Acompanham tais pinturas e desenhos suas respectivas legendas, a grande parte delas sendo nomes tupis, principalmente de plantas e de animais. Todo esse material foi organizado por Christian Mentzel, médico do Eleitor de Brandemburgo, Frederico-Guilherme, a quem Maurício de Nassau deu de presente tal acervo em 1652.

### **Nieuhof**

Em 1682 é publicada em prelos holandeses a *Gedenkenweerdige Brazilianense Zeen Lant-Reize (Memorável Viagem Marítima e Terrestre ao Brasil)* por Johan Nieuhof, que participou da guerra que daria fim ao domínio holandês no Brasil. Seu livro é rico em referências aos fatos naturais e humanos do país, contendo muitos termos do tupi falado na costa nordestina em meados do século XVII, embora muitos deles retirados da obra de Marcgrave.

### **As Cartas dos Índios Camarões**

A guerra contra a Holanda foi obra dos brasileiros, já que Portugal tinha projetos de entregar os territórios conquistados pelos holandeses à Holanda. Ela começou em 1645 e foi financiada por ricos senhores de engenho do Nordeste. Negros e índios também se envolveram nela. Felipe Camarão comandou os índios cristianizados do Nordeste que lutaram contra o domínio holandês no Brasil, dentre os quais seu primo Diogo Camarão. Contudo, alguns índios, insatisfeitos com os portugueses, passaram para o lado dos holandeses, aí se incluindo Pedro Poti, outro primo de Felipe Camarão, e o cacique Antônio Paraopeba.

Durante a guerra, tais potiguaras trocaram correspondência entre si, que passaram para os arquivos da Companhia das Índias Ocidentais e, dali, para a Real Biblioteca de Haia, na Holanda. Numa dessas cartas, Diogo Camarão, índio potiguara, de 1645, pede a seu primo Pedro Poti que passe para o lado dos portugueses, pois, segundo ele, os holandeses eram hereges. Avisa-o também que ele os retiraria da região que então ocupavam. Tais cartas são dos poucos textos conhecidos que foram escritos por índios no período colonial brasileiro, de inestimável valor para o conhecimento do tupi antigo falado no nordeste brasileiro naquela época.

## **III. AS FONTES ALEMÃS PARA O CONHECIMENTO DO TUPI ANTIGO**

**Hans Staden**

Em 1567 é publicada na Europa uma obra sobre os índios tupis da costa e onde se apresentam informações sobre sua língua e sua cultura. Foi a *Warhaftige Historia*, do marujo alemão Hans Staden, publicada em Marburgo em 1567. Tendo naufragado nas costas do litoral sul do Brasil, em 1549, logo se reuniu aos portugueses em São Vicente, aliados dos índios tupiniquins, com os quais passou a viver e a trabalhar, ajudando-os na defesa contra os índios inimigos, no forte da ilha de Santo Amaro. Tendo sido aprisionado pelos índios tupinambás, viveu meses entre eles, correndo grande risco de vida, até ser resgatado por franceses do navio Cathérine de Vetteville, que o conduziu de volta à Europa.

O livro de Hans Staden logrou dezenas de edições em várias línguas. Além de obra imprescindível para a Etnologia, porta muitos termos e frases em tupi antigo.

#### **IV. AS FONTES INGLESAS PARA O CONHECIMENTO DO TUPI ANTIGO**

##### **Textos de piratas e corsários**

Na coleção de literatura de viagens publicada em 1625 por Samuel Purchas, em Londres, com o título *His Pilgrimes*, aparecem dois textos de piratas ingleses que estiveram no Brasil e fizeram registros de suas viagens, um de Antonie Knivet, intitulado “*The admirable adventures and strange fortunes of Master Antonie Knivet which went with Master Thomas Candish in his second Voyage in the South Sea. 1591*” e outro de Peter Carder, intitulado “*The relation of Peter Carder of Saint Verian in Cornwall, within seven miles of Falmouth, which went with Sir Francis in his Voyage about the world begun 1577*”. Ambos trazem termos em tupi antigo e até mesmo frases nessa língua, sendo material rico em informações históricas e etnográficas.